

A Outra Margem



Novembro de 2015 Ano 24

Jornal da Escola Secundária Manuel Cargaleiro

<http://www.esmcargaleiro.pt>

EDITORIAL

No dia 25 de novembro de 1985, a Escola Secundária do Fogueteiro (era assim que se chamava) abriu a suas portas à comunidade escolar. Nove anos mais tarde, mudava oficialmente de nome – passou a chamar-se Escola Secundária Manuel Cargaleiro, em homenagem ao seu patrono, o mestre Manuel Cargaleiro. Este acontecimento foi, sem dúvida, um dos momentos mais altos da vida da escola. Com esta mudança a escola ganhou uma maior projeção, passou a ser mais importante, mais conhecida e com isso veio também a responsabilidade de honrar e respeitar o nome do seu patrono. E a escola tem-se es-

forçado por estar à altura da responsabilidade e por isso o mestre recompensou-a, oferecendo-lhe um bonito e valiosíssimo painel de azulejos que esta exhibe à entrada.

Passados trinta anos, estamos todos orgulhosos pelo trabalho realizado, por vermos que os nossos alunos têm brilhado nas suas vidas profissionais e gostamos de pensar que fomos um pouco responsáveis por isso.

O trabalho e esforço desenvolvido por todos tem dado os seus frutos e é sempre um orgulho e um contentamento quando, ano após ano, entregamos os diplomas de valor, de excelência e de final do ensino secundário e mais ainda por percebermos a satis-

fação dos pais que acompanham os seus filhos e que revelam reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na escola.

É sempre bom comemorar acontecimentos importantes, mas devemos aproveitar estas comemorações não só para rever o muito que se fez como também para avaliar o que ainda falta fazer e, com certeza, muito há e haverá sempre a fazer. Temos de planear e projetar o futuro com os pés assentes na terra, mas sem perder a capacidade de sonhar mais e melhor para esta escola que tanto o merece.

Estamos todos de parabéns!

Luísa Pereira

JORNAL "A OUTRA MARGEM"



O jornal "A Outra Margem" é dos projetos mais antigos da escola. Começou só no 3º período com uma única edição do jornal, que saiu em Junho de 1988. Como correu bem e gostámos, no ano seguinte decidimos continuar.

O jornal tem-se mantido ao longo dos anos,

os professores responsáveis têm variado e os alunos também, claro. Eu comecei com o jornal, estive afastada, como responsável, du-



rante alguns anos e depois voltei.

Estes projetos são

importantes, até porque proporcionam aos alunos a possibilidade de experimentar atividades próprias de uma determinada profissão. Já ti-

mos alunos que começaram aqui e são hoje figuras públicas, como é o caso da Rita Marrafa de Carvalho que é

atualmente jornalista na RTP.

Há muitas histórias ligadas ao jornal, mas lembro-me de uma, em particular, que me envolveu. Numa atividade de angariação de fundos, arranjámos uma "barraquinha" a que os alunos decidiram dar o nome de "Tasca da Ti Luísa": A partir daí, passaram a chamar-me "Ti Luísa" em vez de Professora Luísa. E até se esquecerem da "Ti Luísa", ainda levou muito tempo.

**Contado à
Andreia Henriques pela
Professora Luísa Pereira**

PRIMEIRA VIAGEM À SERRA DA ESTRELA

A primeira viagem à Serra da Estrela, organizada pela nossa escola, foi realizada em março de 1991, ou seja há 24 anos, quase 25 atrás, com cerca de 50 alunos.

Esta primeira viagem foi marcada por uma longa caminhada de 9 horas, ao longo da qual professores e alunos “já rastejavam”. Começámos de manhã cedo, na Pousada da Juventude das Penhas da Saúde, local onde temos ficado sempre alojados e fomos até Louriga. Fomos guiados por um guia da Covilhã que, rapidamente, passou a ser apelidado pelos professores como “Lobo das Neves”, pelo à vontade com que se movimentava na serra. Atravessámos mesmo o maciço central da Serra da Estrela, proeza que não voltámos a repetir porque, nos anos seguintes, diminuámos drasticamente o número de horas da caminhada. Foi muito violento para alguns professores e alunos menos habituados a estas coisas, mas foi uma oportunidade única de visitar sítios específicos e lindíssimos da Serra. E a verdade é que são sempre estes episódios mais radicais que depois nos ficam na memória.



Como a viagem foi realizada no Carnaval, fez-se um baile de carnaval na pousada, o que foi muito divertido. Esta viagem durou 5 dias. Na altura, demorava-se um dia para ir e outro dia para voltar à escola, ao contrário de agora, que em 4 horas estamos lá; não havia autoestradas, tínhamos de ir pela nacional e levava muito tempo. A primeira viagem foi marcada por todos estes momentos divertidos e outros que sabe sempre bem recordar.

Contado à Carolina Martins pelo Professor António Sousa

A PRIMEIRA VIAGEM DE FINALISTAS

Recordo a primeira viagem de finalistas com saudade. Foi uma experiência inesquecível com momentos muito engraçados.

Lembro-me de estar em Roma, no dia de Páscoa, no Vaticano e, não sei se foi por me ter emocionado com toda aquela gente e aquela fé, tive uma crise de ansiedade e quase desmaiei. Estava com um outro professor que me agarrou e me tentou levar à ambulância que lá estava a prestar auxílio aos peregrinos. Como estava muita gente, ele ia gritando pelo caminho “Presto morta, presto morta”, com sotaque italiano. Os alunos que estavam à nossa guarda lá iam atrás de nós com um ar muito preocupado. E o professor continuava a tentar “furar” a multidão e a gritar repetidamente “Presto morta”. Entretanto, no meio de toda a minha má disposição, eu não conseguia parar de rir porque a situação era de facto hilariante. Quando estávamos próximos da ambulância, eu só pensava que ninguém ia acreditar que eu não estava bem. Foi então que ele, sempre a agarrar-me para que eu não caísse, decidiu acrescentar, num tom bem audível “Se o Luís vê isto na televisão, eu é que estou presto morto”. O Luís é o meu marido. Junto da carrinha estavam imensas freiras a prestar os primeiros-socorros que olhavam para o nosso grupo com ar de quem não percebia o que se estava a passar.

Foi horrível!! Eu queria queixar-me, dizer o que tinha, mas não conseguia parar de rir!

Contado pela Professora Maria José Castro



Lembro-me de, algures em Itália, estarmos à espera de um grupo de alunos que tinha ido almoçar fora e não havia meio de regressar. Já estávamos a ficar preocupados. Finalmente, lá apareceu um dos alunos desse grupo, esbaforido, muito excitado, a pedir a intervenção de um professor no restaurante porque estavam com um problema. Explicou, então, aos atropelos, que quando lhes trouxeram a conta, puseram lá uma parcela que se chamava “coperti”. Ora eles não tinham comido nenhum “coperti”. Chamaram o empregado de mesa para reclamar, mas ele insistia que tinham que pagar aquela parcela. Eles, muito indignados, diziam que não pagavam nenhum “coperti” porque não tinham comido “coperti” nenhum, tinham só comido pizzas. Como a situação não se resolvia, decidiram que um deles devia vir pedir ajuda aos professores.

Lá fomos então ao restaurante tentar perceber o que se passava. Quando lá chegámos, o empregado, já exaltado, explicou que “coperti” não era nada que se comesse, era simplesmente um espécie de uma taxa que se pagava em Itália (e ainda se paga, hoje em dia) pela utilização da toalha de mesa, dos talheres, dos pratos... Os alunos, muito irritados, pagaram a conta, mas sob ameaça que, da próxima vez, haviam de trazer com eles a toalha, os pratos, os talheres... Foi uma indignação geral!! Quanto a mim... nunca mais me esqueci da palavra “coperti”!

Contado pela Professora Conceição Folgado

FICHA TÉCNICA

Professores:

Ana Faria, Júlia Freire,

Luísa Pereira

Composição:

Jorge Duarte

Alunos:

Catarina Correia 11º I

Andreia Henriques 10º J 2

Marta Lopes 7º D

Iris Batista 7º D

Ema Francisco 7º C

Carolina Martins 11º G

APOIOS



CÂMARA MUNICIPAL DO JUNTA DE FREGUESIA DE AMORA



CÂMARA MUNICIPAL DO JUNTA DE FREGUESIA DE SEIXAL

CLUBE DE JORNALISMO E RTE

O Jornal "A Outra Margem" já existia no ano em que cheguei à escola. A publicação deste jornal, inicialmente da responsabilidade da professora Luísa Pereira, deu origem ao Clube de Jornalismo. Achei uma iniciativa interessante e fui convidada a juntar-me. Um ou dois anos depois, desafiadas por um grupo de alunos de Eletrónica da escola, nasceu a RTE (Rádio Televisão Escolar). Havia na escola uma mesa de mistura feita por um professor da escola, Professor João Capelinha, que com os alunos que participavam no clube prepararam o material que faltava para começar a emitir programas de rádio, difundidos através de colunas para o pátio da escola, durante os intervalos. Tudo era muito rudimentar, mas o empenho e o entusiasmo eram muito grandes. Nasceu, assim, o Clube de Comunicação Social que funcionava com bastante autonomia, até porque nós, professoras responsáveis, não percebíamos nada da parte técnica.

Nesse primeiro ano (ou talvez tenha sido já no segundo), fez-se uma atividade muito engraçada. Para comemorar o aniversário da escola, os alunos gravaram numa cassete um jogo radiofónico e pediu-se depois à Rádio

Seixal que, numa determinada hora, emitisse o jogo. Pediu-se a todas as turmas da escola que, nesse dia, um aluno trouxesse um rádio. No dia e hora determinados, as turmas que estavam na escola a ter aulas participaram em massa no jogo. Foi uma atividade diferente, que implicou muito trabalho de coordenação, mas que correu muito bem e foi muito gratificante.

Para além das emissões de rádio, os alunos começaram também a fazer programas de televisão, utilizando a máquina de filmar da escola e montando depois pequenos filmes. Organizámos semanas dedicadas à comunicação social, convidámos jornalistas, visitas de estudo à RTP e redação de vários jornais, organizamos debates, etc. Durante essas semanas, a Agência Lusa disponibilizava-nos a receção constante de notícias, instalando, na

escola, um telex que permitia que se fizesse um jornal diário com as notícias mais importantes de Portugal e do mundo.

O Rui Unas, que toda a gente conhece, foi um dos que começou aqui as suas experiências ao nível dos media. Tornou-se logo muito evidente para todos que ele tinha perfil para aquilo que é hoje, apesar de na altura só ter 15 anos.

Recordado pela Professora Maria José Moreira



OS PRIMEIROS FUNCIONÁRIOS



Eu fui a primeira funcionária da secretaria a chegar aqui à escola. Quando eu cheguei, não havia nada, só havia mesas e cadeiras. Não havia um único papel, material de escritório, não havia nada. A chefe da secretaria quase nunca estava cá, portanto eu estava completamente sozinha. Senti-me muito perdida. Por vezes, ia ao balcão, não sabia responder às dúvidas que me colocavam e perguntavam-me se estava sozinha e eu respondia "Estou!". Foram tempos difíceis.

Depois começou a vir mais gente para a secretaria e tudo entrou na normalidade.

Contado à Ema Francisco pela D. Eugénia Guerreiro que ainda trabalha na nossa Secretaria

Cheguei no dia 11 de novembro e chovia torrencialmente. A estrada que passa hoje em frente à escola ainda não estava alcatroada, havia lama por todos os lados. Quando me apresentei estava toda molhada e suja de lama até quase aos joelhos. Dentro da escola, ainda estavam obras a decorrer nalguns pavilhões, no pátio não havia telheiros, parte da escola estava ainda vedada e só podíamos circular na parte central. Fazer a limpeza da escola a seguir às obras foi um trabalho árduo. Ainda me lembro de passar horas a arrancar o cimento que estava agarrado aos tacos do Pavilhão B. Nunca mais acabávamos! Aqueles primeiros tempos foram muito complicados, éramos poucos, o trabalho era muito e estávamos sob pressão para abrir a escola no dia



do olho para elas, ainda vejo restos de óleo que nunca conseguimos tirar.

D. Filomena Nunes (Assistente Operacional, atualmente no pavilhão E)

25 de novembro. Já depois da escola abrir, veio uma inspeção que considerou que os alumínios não tinham a qualidade necessária. Nas férias do Natal, tiveram de retirar as janelas todas para arranjar e depois colocaram-nas de volta. Vinham muito sujas de óleo e foi horrível conseguir limpá-las. Eu acho que hoje, quan-



Apresentei-me na escola no dia 11 de novembro e ainda havia muita coisa em obras. No início éramos poucos e o trabalho era muito. Ainda me lembro de carregar muitas cadeiras e mesas para dentro das salas.

Lembro-me que, pouco antes da abertura, houve uma receção para professores e funcionários, no Bar dos alunos. No total, devíamos ser cerca de 70 pessoas.

Contado pela D. Lídia Torres (à época Auxiliar de Ação Educativa, hoje Assistente Técnica, na secretaria)

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA



1- OS PRIMEIROS "REIS";
2- VISTA PARA A ENTRADA;
3- TRÊS PROFESSORES AINDA CÁ ESTÃO...
4- PRIMEIRA PEDRA DO PAVILHÃO;
5- TERRAPLANAGENS;
6- RTE;
7- RUI UNAS ENTREVISTA O CÃO.



O PRIMEIRO PRESIDENTE

Ao aceitar a nomeação para Presidente da Comissão Instaladora da Escola Secundária do Fogueteiro, em 1985, tinha a consciência do grande desafio que me esperava.

Tive a honra de presidir a uma equipa e a uma comunidade educativa com mais de um milhar de pessoas, pessoal docente, não docente e alunos. Fi-lo convicto de estar a prestar um serviço público numa comunidade e num concelho onde já residia e trabalhava há mais de dez anos. Este era um tempo de grandes desafios e de grandes reformas que se adivinhavam.

Desde o início apostámos numa escola aberta à comunidade e, precisamente, uma das primeiras reuniões foi feita na Câmara Municipal, por nossa solicitação, com o senhor Presidente, Eufrazio Filipe e o seu vereador da Educação, António Matos. Também desde o ano de 1986 (25 de novembro) a escola comemorou sempre o seu aniversário com atividades que envolviam toda a comunidade e realizavam-se conselhos pedagógicos nos quais participavam os pais e os autarcas (sobretudo a associação de pais, o Presidente da Câmara e vereador da Educação). No ano de 87/88 o Primeiro Ministro, acompanhado do Ministro da Educação e secretários de Estado visitaram a Escola na abertura do ano letivo.

As atividades culturais e desportivas (a escola integrou o Projeto Escola Cultural), os Bailes e as

Viagens de Finalistas, o Projeto Forja, a RTE e o Clube de Comunicação Social, os diversos clubes e muitas outras atividades começaram a identificar e a reconhecer a Escola como instituição dinâmica, de qualidade e exigência. Nos primeiros anos houve o alargamento da Escola, com Ensino Secundário e Noturno e no fim da década o tão desejado Pavilhão Desportivo. A



Escola foi a primeira a oferecer no Concelho, a Informática, as Artes, a Eletrónica e a Agropecuária.

Manuel Pires

DE "FOGUETEIRO" A "M. CARGALEIRO"



Quinta da Silveira, na Sobreda, acompanhado por uma familiar que continuava a viver no Fogueteiro, apresentar-lhe a pretensão da comunidade educativa da Escola. Não esquecerei nunca esse dia, pois ali come-

No fim deste processo convidámos e desafiámos o senhor Secretário de Estado a visitar a Escola e a assinar o despacho de alteração do nome na sessão solene, com a presença do Mestre Manuel Cargaleiro, do Diretor Regional da Educação de Lisboa, do Presidente da Câmara, da Associação de Pais e Encarregados de Educação, do Conselho Diretivo e da Comunidade Educativa. Na impossibilidade da deslocação do membro do governo, o despacho foi assinado no dia 24.11.1994, em Lisboa e apresentado à comunidade na sessão solene do dia 25 de novembro comemorativa do 9.º aniversário da escola pelo então Governador Civil do Distrito de Setúbal, Dr. Domingos Almeida Lima.

Manuel Pires

Assim que tivemos conhecimento do despacho que permitia dar o nome de uma personalidade aos estabe-

lecimentos de ensino, começámos, com os diversos órgãos e grupos da escola, a pensar em nomes que pudessem ser o rosto da escola, aceites por todos e com uma singularidade: ter o nome de alguém ainda vivo.

Surgiu de imediato o nome de Manuel Cargaleiro, artista já devidamente conhecido e que teve logo a aceitação da escola. Manuel Cargaleiro tinha vivido com os pais no Fogueteiro, na rua quase contígua à escola e o pai tinha sido uma pessoa muito influente e dinâmica, nos anos 60 e 70 no concelho.

Num sábado de Verão de 1994 fui à

çou uma amizade e uma convivência que muito me honra e que perdura até aos dias de hoje. Mas regresssei à escola muito triste, embora com alguma esperança. O Mestre Cargaleiro ficou muito sensibilizado e ao mesmo tempo admirado por tão inesperado convite e pediu uma semana para pensar e decidir. Ficou marcado novo encontro para a semana seguinte.

E assim aconteceu...



O PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE...

Eu estava na Escola Secundária da Amora, tinha acabado o meu estágio e o Professor Manuel Pires, que vinha para cá como Presidente da Comissão Instaladora, convidou-me para fazer parte da equipa como vice-presidente e responsável pelo setor dos alunos. Na altura, achei o projeto interessante e aceitei, mas não estava muito interessado em ficar efetivo na escola porque só estava previsto o ensino básico. Uma das nossas lutas foi, aliás, tentar que a escola também viesse a ter ensino secundário. Nesse sentido tivemos várias reuniões com o Ministério e propusemos a abertura de áreas que, na altura, não eram oferecidas pelas outras escolas do concelho, nomeada-

mente eletrónica, informática e artes. Por acaso, a nossa ideia foi ao encontro dos planos do Ministério que também estava interessado em multiplicar a oferta nestas áreas. E, assim, conseguimos passar a ser uma escola com ensino secundário.

O primeiro ano foi particularmente difícil. Os alunos vinham todos de outras escolas, tinham lá deixado os amigos e eram muito frequentes as manifestações de descontentamento por terem sido forçados a deixar as escolas de origem. Ainda por cima, só abrimos no dia 25 de novembro e portanto todos os colegas de outras escolas já estavam a ter aulas. A nossa escola, por seu lado, não tinha nada. A biblioteca, por exemplo, não tinha um único livro, as prateleiras estavam vazias. Como as obras ainda não estavam

totalmente concluídas, no início, o campo de futebol e o refeitório ainda não estavam disponíveis e o espaço exterior de recreio era mínimo e cercado por redes do estaleiro. Era uma escola sem identidade e os alunos não tinham um sentimento de pertença.

Por isso, muito do que se fez naquele primeiro ano teve como objetivo incentivar a criação de laços entre os alunos e a escola. Começámos por fazer uma receção aos alunos com um magusto na sala dos alunos. Multiplicámos as atividades extracurriculares de forma a que os alunos se conhecessem melhor. Os diretores de turma tiveram um papel fundamental na integração, na dinamização e acompanhamento dos alunos nessas atividades. No final do primeiro período, por exemplo, fizemos uma festa, os alunos é que ficaram respon-



sáveis pela segurança e, aos poucos, foram ficando mais ligados à escola. Por outro lado, a escola também foi ganhando uma identidade própria e começou a ser conhecida na área pelos projetos que desenvolvia. A origem desta identidade esteve precisamente na necessidade de ligar os alunos à escola e nas estratégias que definimos para conseguir concretizar esse nosso objetivo.

Contado pelo professor Francisco Simão

O PRIMEIRO VOGAL...



Metade da minha vida foi passada nesta escola. Fiz parte da Comissão Instaladora e 30 anos depois ainda cá estou.

O arranque da escola foi marcado por acontecimentos que me ficaram na memória. A 16 de novembro nasceu a minha segunda filha, logo a

seguir foi o aniversário de um dos outros elementos da Comissão Instaladora e no dia 25 de novembro foi o primeiro dia de aulas. Foi tudo seguido!

A escola começou apenas com os quatro pavilhões centrais, o A, B, C e D, o refeitório e aquele edifício mais pequeno, um pouco mais acima, onde funcionavam os banheiros. Não tinha telheiros, não tinha pavilhão gimnodesportivo, só se podia circular na zona central e tudo o resto estava vedado, até porque continuavam as obras dos pavilhões E e F. O material escolar já estava nos seus lugares quando a escola abriu, mas foi uma grande luta. Ainda me lembro de ver chegar camiões carregados de mesas e cadeiras, ao final da tarde, e termos nós, Comissão Instaladora, de carregar com elas para dentro das salas por-

que éramos poucos e o mobiliário não podia ficar na rua para o dia seguinte.

O que foi muito gratificante em todo este processo foi a forma como todos os professores e funcionários se uniram pela mesma causa que era pôr a escola a funcionar. Foi mesmo muito complicado, mas todos juntos, conseguimos.

O primeiro ano ficou muito marcado pelas atividades e festas que se faziam, no final de cada período, no final do ano letivo, no Carnaval... Ainda me lembro dos alunos se mascararem e fazerem um desfile que partia da escola e percorria a avenida nas Paivas.

A partir de certa altura começaram a surgir alunos que, por sistema, gostavam de ajudar e colaborar, nomeadamente na segurança das festas e das atividades, até porque, na época, não havia

quase nada à volta, estávamos muito isolados e tivemos de enfrentar alguns problemas no exterior da escola relacionados com droga e alunos de fora da escola que queriam entrar só para a confusão. Lembro-me, em particular, de um aluno, o David, que estava sempre pronto para ajudar na segurança e em tudo o que fosse preciso.

Foi talvez a primeira escola a impor controlo nas entradas e saídas, o que provocava protestos por parte dos alunos.

Foi uma grande luta para que a escola abrisse portas e para que funcionasse em pleno naquele primeiro ano. Nunca me vou esquecer!

Contado à Marta Lopes e à Iris Batista pelo Professor Rui Branco